

A MENSAGEM DE “SÃO” JOÃO MARIA:  
E SUA RESSIGNIFICAÇÃO NA EXPERIÊNCIA  
RELIGIOSA DO CONTESTADO<sup>1</sup>

Gilberto Tomazi  
Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP  
pegilberto@ig.com.br

Resumo: O Contestado é um dos maiores movimentos populares e conflitos armados da história do Brasil. Aconteceu durante os anos 1912 a 1916 e abrangeu um terço do território catarinense e o sudoeste do Paraná. O Contestado marcou e continua ainda hoje a influenciar a vida, a cultura e a religiosidade dos que sobreviveram e seus descendentes. Em torno do Contestado e da mensagem de João Maria, surgiram diversos mitos, ritos e símbolos, que ainda hoje são conservados na memória popular dos descendentes do Contestado. Depois de quase um século, a comunidade cabocla ainda encontra nele um sentido, uma inspiração e uma mística que lhe permitem viver no presente de maneira solidária, enfrentando a dura realidade em que se encontra, confiante em dias melhores.

Palavras-chave: contestado; mística; experiência religiosa; ressignificação.

Abstract: Contestado is one of the greatest popular movements and armed conflicts in the history of Brazil. It happened between 1912 and 1916 and reached one third of Santa Catarina territory and the southwest of Parana. Contestado marks and influences the life, culture and religiousness of the ones who survived it and their descendents. Around Contestado and João Maria's message, several myths, rites and symbols have appeared and are still kept in the Contestado descendents' popular memory. After almost a century, cabocla community finds in it meaning, inspiration and mystics that allow them to live in the present in a sympathetic way, facing the harsh reality in which they find themselves, trusting in better days.

Key-words: contestado; mystics; religious experience; new significance.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma síntese da dissertação defendida em maio de 2005, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, cujo título é A mística do Contestado: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes, sob a orientação do Professor Dr. José J. Queiroz.

## Introdução

Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive os fatos.

Ou a ausência deles.

Guimarães Rosa

O Contestado, apesar de ter sido um dos maiores movimentos ou lutas populares do Brasil, tanto em termos de sua duração, como também da abrangência geográfica e populacional, entre outras, permanece mais como algo de Santa Catarina.

Não é a guerra do Contestado nas suas dimensões histórica, sociopolítica e econômica que merecerá a atenção central neste artigo. Esse caminho já foi percorrido por muitos pesquisadores, cujas obras já chegam a cerca de uma centena, mas até hoje as dimensões religiosa e simbólico-cultural têm sido pouco valorizadas nas pesquisas sobre o Contestado.

A mística do Contestado é uma experiência vivida que se dá a conhecer mais a partir da cotidianidade da vida, e por comportar certa dose de irracionalidade e de mistério. O caminho aqui percorrido é o de procurar compreender o “sentido” ou o “significado” que essa mística ou essa experiência religiosa, herdada dos monges e temperada no fogo da guerra, tem hoje para os descendentes do Contestado. De acordo com Auras (1995, p. 49),

[...] face a um contexto histórico que procura negar até o estatuto de homem ao sertanejo, a práxis religiosa lhe garante a possibilidade de construir sua própria identidade – pela religião ele reproduzia conhecimentos antigos e criava novos, capazes de significar o seu dia-a-dia.

Sendo algo que dá sentido à vida dos descendentes do Contestado, foi possível afirmar que a mística não é apenas mais uma forma de ideologia. Ela perpassa e dá um sentido a todas as dimensões da vida, da ciência, da política, da economia, da cultura e, inclusive, da guerra. Logo, a mística também não se reduz ao estritamente religioso.

## Contextualizando o Contestado

Importa vivir la vida de tal suerte, que quede vida en la muerte.

Frederico F. Cartillejo

O termo “Contestado” remonta a meados do século XIX, quando teve início a disputa dos limites territoriais entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Tal disputa só foi concluída em 1916, ano em que foi assinado o acordo definitivo sobre os limites entre os dois estados. Foram 48 mil quilômetros quadrados de terras disputados, que compunham o “chão Contestado”.

A guerra ou o conflito armado do Contestado aconteceu entre os anos de 1912 a 1916, porém, tem raízes e ramificações que, se considerarmos somente as influências dos monges, o tempo

pode ser ampliado para pelo menos meio século antes e como um acontecimento que continua em aberto até os dias atuais.

O movimento popular do Contestado (Queiroz, 1985) abrangeu não menos de 1/3 do território catarinense e boa parte do sul/sudoeste paranaense. Cerca de metade da população da região, que na época era de aproximadamente 50 mil pessoas, foi diretamente envolvida, sendo que, dentre esses, os mortos podem ter chegado a 10 mil. Para isso, além dos civis locais (os vaqueanos ou ruralistas da época), aproximadamente 80% das forças dos estados envolvidos e do exército nacional foi usado.

Diversos fatores contribuíram para o desfecho da guerra: a disputa por território, o problema das terras com as questões relacionadas à desapropriação e à exploração feita pelas empresas de colonização, o da regularização, o das terras concedidas pelo governo à Construtora da Estrada de Ferro sem indenizar os antigos moradores da área. Soma-se a isso o problema dos quase 10 mil homens que ficaram desempregados após concluída a estrada, sem direitos e sem poderem retornar aos seus locais de origem. E, vale lembrar ainda, o acúmulo histórico de violência contra os indígenas, a exploração dos peões das fazendas, feita pelos fazendeiros; a falta de estradas e o coronelismo, entre outros.

Todos esses fatores e outros mais confluíram numa espécie de estopim da guerra. É sabido, porém, que a comunidade cabocla, mais do que acionar a guerra, só aderiu à mesma quando já não tinha mais como escapar.

Mesmo considerando os aspectos socioeconômicos e políticos, esta pesquisa permitiu perceber que, durante a guerra do Contestado, mais do que se mover na direção da negação do mundo que os oprimia, a comunidade cabocla foi dando um novo significado e inventando alternativas para o seu cotidiano. Sem desconsiderar o batismo tradicional da igreja, assumiram o batismo de João Maria; ao invés de aceitarem passivamente o espírito liberal-capitalista e as leis da República, organizaram-se em redutos, cujo sistema era comunista-cristão e defenderam a lei de Deus; sem desprezar as leis da ciência, que lhes parecia servir apenas aos donos do poder econômico e político, optaram por seguir os “comandos do além” oferecidos pelos meninos e meninas virgens-videntes; e, mesmo quando procuravam consolo diante da realidade vigente, não deixaram de levantar a bandeira do divino, de uma “cidade santa” e preferiram seguir as intuições e visões conectadas aos seus ancestrais, aos santos e monges, depositando neles a sua esperança. Assim, pode-se afirmar que, também no Contestado, os indivíduos não absorveram passivamente as formas simbólicas, mas ativa e criativamente (Thompson, 1990).

No Contestado, para além da busca de satisfação das necessidades materiais, como a alimentação e a defesa da terra e das propriedades, os caboclos e as caboclas defendiam tradições e valores culturais, éticos e espirituais. Mais do que bens materiais, eles buscavam reconhecimento; mais do que um plano de ação com estratégias e táticas, elevavam preces, súplicas e gritos aos santos, e se deixavam conduzir pelo coração e pela intuição; mais do que

no poder dos humanos e nas armas de guerra, confiavam na força do “exército encantado” e no poder misterioso de Deus; mais do que uma experiência feita de fatos, passíveis de mensuração e verificação, tratou-se de uma experiência mística, vivida em atitude de encantamento, humildade, veneração, temor e tremor diante do misterioso e do sagrado.

A maioria da população que habitava e ainda hoje habita a região do Contestado é constituída de caboclos e caboclas. Estes foram os principais destinatários, envolvidos e também sujeitos da guerra. Quanto às suas heranças culturais (Mintz e Price, 2003), considera-se a presença dos povos nativos – os caingangs, os xóclengs e os guaranis – mais os afrodescendentes e os portugueses-paulistas. A identidade cabocla resulta de uma rica heterogeneidade cultural, de encontros e confrontos entre diferentes culturas. As famílias de origem alemã, italiana e polonesa, entre outras, na sua grande maioria, adquiriram terras e ocuparam boa parte da região só depois de concluída a guerra, isto é, depois de ter sido executado o projeto de “limpeza da área”.

Quanto às heranças religiosas da comunidade cabocla, percebemos que várias tradições religiosas, não sem conflitos, foram se congregando e formando uma espécie de religiosidade popular ampla, ambígua, fragmentada, dinâmica, sincrética e fundamentalmente católica. Entendida como catolicismo popular, essa religiosidade recebeu uma influência marcante, uma espécie de injeção de legitimidade e reconhecimento por parte de alguns personagens religiosos ou místicos que passaram pela região entre meados do século XIX e início do século XX. Dentre eles destacaram-se José Maria e, principalmente, João Maria. Foi a partir dessa constatação que surgiu o objeto central da pesquisa: “a mensagem e a mística de João Maria, ontem e hoje”.

### **A mensagem original de João Maria e do Contestado**

Talvez a necessidade de mistério e grandeza tenha me levado a acreditar nos santos e heróis, que se desenvolveram simultaneamente.

Graciliano Ramos

A identidade de João Maria revela boa parte de sua mensagem. Depois de uma longa revisão bibliográfica e, especialmente, depois de ouvir diversos remanescentes e descendentes do Contestado, foi possível fazer a opção de que houve apenas um João Maria. É que foi devido à confusão e diversidade dos pesquisadores recentes com seus respectivos “olhares” que foi sofrida a existência histórica de mais de um monge, de nome João Maria, no Contestado. A opção seguiu pelo caminho da cultura popular que, hoje, entende que entre meados do século XIX e a primeira década do século XX apenas houve um João Maria na região do Contestado. Porém, essa opção não se

opção à que considera a possibilidade de uma “síntese”, na qual vários monges ou líderes religiosos, que teriam passado pela região, foram conjugados num único personagem que, durante a guerra, foi inclusive confundido com o José Maria.

José Maria também é um personagem histórico de cujas origens pouco se sabe. Sua “aparição” na região contestada ocorreu no ano de 1912. Mesmo tendo vivido poucos meses entre os caboclos e caboclas do Contestado, ele foi tido como o líder popular mais importante da região durante a guerra. Em princípio, foi aceito como “o retorno de João Maria”, depois como o seu irmão e continuador de sua missão, chegando também ele, como o seu antecessor, aos patamares da santidade. Porém, depois da derrota final, esse “monge” passou às páginas nebulosas da história, resultando num falso profeta. Porém, muitas de suas características ou mensagens, julgadas “significativas” pela cultura popular, aos poucos passaram a ser atribuídas a João Maria.

Ao observarem a influência da religião ou da mística no Contestado, por um lado, certos pesquisadores verificaram que ela poderia ser traduzida em termos de “fanatismo”, “ignorância” e “resquícios de um mundo pré-moderno”, “alienação” ou, por outro, em “protesto” e “resistência”. Mesmo considerando estes últimos aspectos, vale dizer que o Contestado, mais que “o grito da criatura oprimida”, foi um movimento de defesa dos costumes (Thompson, 1998), e, principalmente, de edificação de um mundo possível, alternativo, desejado ou imaginável, um mundo que acreditavam poder ver reencantado.

Para sugerir um caminho de compreensão da mística e da mensagem de João Maria, faz-se necessário lançar-se às profundezas de uma linguagem composta de metáforas, poesias, mitos, ritos e símbolos, próprios ou ressignificados pela cultura local. Quem entra no mundo caboclo do Contestado logo percebe nele a existência de uma riqueza de ritos, símbolos, artes e sabedoria, entre outras expressões religiosas por ele gestadas.

A mística do Contestado funda-se basicamente na mensagem de João Maria. Pode-se perceber nela ao menos cinco fases ou momentos: a dos monges, a do espírito de irmandade nos redutos, a da religião guerreira, a da violência e repressão interna nos redutos com sua respectiva dissolução (Ribeiro, 1989) e a do pós-Contestado, isto é, aquela que foi sendo ressignificada com o passar dos anos. Essas fases revelaram uma mística que foi apresentando várias dimensões. Essas foram desde a busca de consolo diante do sofrimento e da violência, até a rebeldia, a guerra e a construção de um outro mundo possível. Durante a guerra, a mística revelou o seu lado subversivo, e mesmo revolucionário, quando já preferiam morrer na luta pela defesa da “santa religião” e da construção das “cidades santas” a ceder às garras ou deixar-se seduzir pela besta e seus servidores, “os peludos”.

Desde essa experiência vivida em torno da mística, os caboclos e caboclas do Contestado forjaram um novo universo religioso, constituído de um tempo e um espaço sagrados e fundamentado em uma fé profunda, capaz de responder a certas necessidades mais imediatas e

do seu cotidiano, chegando inclusive a se tornar um meio pelo qual viam-se capazes de resistir até à morte, em nome de Deus, às violências e maus-tratos advindos das forças adversas. Com João Maria e depois José Maria, houve uma efervescência de esperança, fazendo o povo acreditar que a realidade vigente não era portadora da última palavra e que era possível negá-la e construir outra realidade, capaz de satisfazer as suas necessidades e desejos. Pobres materialmente, sentiram-se ricos espiritualmente, já que homens considerados santos, como João Maria e José Maria, eram-lhes muito próximos. Diante da realidade de violência, exclusão e empobrecimento em que se encontravam, a religião foi praticamente a única ferramenta na qual podiam se agarrar.

Irmanando-se com os violentados e violentadas, João Maria deu-lhes uma nova identidade, a de “filhos de Deus” e de “irmãos”, a qual serviu de primícias na convivência das irmandades, nos redutos. Neles, o lado festivo convivia de forma harmônica e integrada com o aspecto “sacrificial”. Havia diversas cantorias e momentos festivos nos redutos, mas também era preciso fazer sacrifícios, jejuns, permanecer rezando durante horas, renunciar a bebidas e prazeres da vida.

Ao analisar a mensagem de João Maria, percebe-se que aparecem elementos de teor profético, messiânico, milenarista e apocalíptico (Valle, 2001). Esses elementos formam uma teia de significados que, ao mesmo tempo, se referem a coisas do além e escatológicas e a aspectos relacionadas ao devir histórico (Monteiro, 1974).

Diversos pesquisadores já trilharam um ou outro desses caminhos, quantas vezes colocando-o em oposição aos demais. Porém, o que se pode perceber no Contestado é que todas essas características se cruzam e são costuradas dentro da mística do Contestado. Elas não se opõem, mas se complementam. Formam uma espécie de imaginário escatológico, que pode ser percebido na concretude histórica e na utopia do Contestado. E, para compreender o imaginário popular do Contestado nesses aspectos, pode-se constatar o seguinte: Tudo começou porque havia uma realidade histórica insuportável para muitos, que, por sua vez, alimentavam a crença num outro mundo. Essa crença, provada e aprovada pelos monges, servia como uma espécie de julgamento do tempo presente.

Esse julgamento propôs, em primeiro lugar, a adaptação ao mundo vigente, porém, não demorou e ela passou a manifestar o seu desencanto, que culminou na negação radical do mesmo. Conectada à denúncia da realidade opressora em que se encontravam, aparece a profecia. Esta se volta mais para o anúncio de um novo mundo ou do paraíso perdido. Centrada em João Maria como o intérprete da realidade presente, essa profecia fortalece a crença de um novo tempo onde aconteceria a vitória definitiva do bem sobre o mal. Porém, essa vitória passaria por provações, sofrimentos e outras mediações. Entre estas, ter-se-ia a vinda (ou a volta) de um mediador entre Deus e os humanos, um enviado de Deus, alguém que viria para orientar o povo sobre como proceder no desenrolar do “Apocalipse”, do confronto definitivo,

seguido do Julgamento Final. Esse confronto seria a “guerra santa”, que culminaria na vitória de São Sebastião com seu exército encantado. Consequentemente, a besta perderia o seu domínio e todas as pessoas que não se deixassem seduzir ou subordinar por ela e por seus servidores herdariam os mil anos de felicidade.

A impressão que se tem, ao falar disso, é que se poderia estar voltando aos tempos medievais ou pré-modernos, endossando o seu imaginário. Porém, se dissermos que essa mesma crença ressignificada se repete nas crenças do porvir histórico, do futuro reino da liberdade ou da sociedade perfeita, do fim das neuroses e alienações, do super-homem, da gaia ciência ou do progresso, então poderíamos dizer que o imaginário do Contestado não difere substancialmente do imaginário moderno; mesmo que este tenha passado por um processo de elaboração racional e científico. Ambos partem de uma aposta ou de uma certeza: a da vitória do bem sobre o mal. E, indo um pouco além, ao afirmar que a questão da subjetividade e da experiência religiosa ou mística foram desprezadas pela modernidade, poder-se-ia estar dizendo que resta ao menos uma lacuna em relação ao Contestado, que a modernidade foi incapaz de compreender.

De qualquer forma, vale dizer que, como qualquer outro povo que vive em uma realidade semelhante à do Contestado, sonha com um mundo sem violência e sofrimentos, assim também foi e ainda hoje é o sonho do Contestado. No seu primeiro estágio, que culminou na guerra, o movimento do Contestado foi aniquilado e com o uso das mais sofisticadas tecnologias de guerra da época. Porém, ele não foi totalmente destruído, passado por um processo de ressignificação (Geertz, 1989) ele continua presente na cultura popular, na religiosidade, nas lutas e esperanças dos seus descendentes. Há, porém, uma ambiguidade no imaginário atual. Alguns descendentes do Contestado revelam o orgulho pelo fato de seus pais terem participado do mesmo; mas a maioria lembra dele apenas nos seus aspectos de brutalidade e violência. Logo, se outrora essa utopia de um mundo sem violência contemplava a guerra como mediação desse porvir, ao que foi possível constatar na atualidade há outros caminhos considerados mais significativos nessa direção. Se outrora a mística se fez guerreira, hoje ela volta-se mais para a busca de alternativas possíveis.

### **A mensagem atual de João Maria**

Os indivíduos não absorvem passivamente formas simbólicas mas,  
ativa e criativamente, dão-lhes um sentido e, por isso,  
produzem um significado no próprio processo de recepção.

John B. Tompson

Para falar sobre a mensagem atual de João Maria, faz-se necessário um “olhar” e um “ouvir” atentos para o cotidiano dos descendentes do Contestado. A memória popular, e especialmente a dos mais velhos (Tompson, 1998), revela uma história rica e viva sobre o Contestado. Segundo

Halbwachs (1990, p. 51), “preservar a memória é condição da identidade e da unidade de um grupo humano. E, na sua exclusão está a base da alienação”. Ao observar as “ramificações” da mística e da mensagem de João Maria na atualidade, pode-se perceber que, cada vez mais, ela abrange praticamente todas as dimensões da vida: a religião, a moral, a ética, a política, a economia, a ecologia, entre outras. Ao confrontar as “duas” mensagens de João Maria, a original e a atual, é possível afirmar que, com o passar dos anos, elas foram passando por um processo de ressignificação e, dessa forma, continuam sendo uma referência significativa para a comunidade cabocla do Contestado. João Maria é uma das referências centrais desse processo de ressignificação da mítica do Contestado.

João Maria foi interpretado, inicialmente, como homem pacífico, conselheiro, benzedor, alguém que dava sermões nas igrejas e se parecia com um frei ou um padre católico, um monge ou alguém que procurava se afastar do mundo para estar com Deus; quando aconteceu a guerra, ele, mesmo “ausente” fisicamente, já era alguém a quem se atribuíam os comandos da guerra. Nesse período ele foi confundido com José Maria, que, além de fazer curas, instituiu os “doze pares de França” e partiu para a luta. Os redutos ou as “cidades santas” foram organizados segundo o seu comando. Era ele quem mobilizava muitos na defesa da lei de Deus, contra “os peludos”, a República, os coronéis e o capitalismo.

E, depois de quase um século, João Maria é lembrado como um profeta ou um líder carismático (Weber, 1994) e, como um curandeiro, milagroso, benzedor, monge, peregrino, pai, paizinho, João de Deus ou João Maria de d’Agostini, de Jesus, Santo Agostinho ou simplesmente João Maria. É lembrado também como um apóstolo, um enviado de Deus, um santo, como alguém que não morreu, continua vivo, encantado. Celebrado como quem tinha e tem poderes sobrenaturais, que faz milagres, que intercede em prol dos mais pobres e sofredores.

Além de uma identidade “divina” de João Maria, fala-se de uma identidade profundamente humana e que em muito se equipara à dos caboclos do Contestado. Nisso ele é lembrado como um homem do bem, pessoa simples, humilde, de pouca fala, que sabe ouvir, que fala com poder e a todos convence, que não é homem de duas palavras, que se compadece dos que estão doentes ou sofrendo, que tem poder sobre maus espíritos, detesta a falsidade, o orgulho, o acúmulo de riquezas, é pacífico, busca o governo de Deus e não o dos homens, alerta para o fim do mundo e chama à conversão. É alguém que ensina aos demais aquilo que sabe sobre plantações, remédios, rezas ou religião, moralidade, ecologia, êxodo rural e problemas das grandes cidades, entre outros.

Quanto à abrangência da mensagem de João Maria, não é possível uma delimitação mais precisa, mas pode-se sugerir que, além de muitos locais de peregrinação espalhados por toda a região, há um centro irradiador situado no Morro do Taió. Um lugar encantado, porque o próprio João Maria estaria lá encantado. Antes, porém, de se retirar para o morro, ele deixou o seu poder para algumas pessoas. E, pelo fato de que “não morreu”, ele continua a exercê-lo e a



oferecê-lo aos que o procuram e merecem recebê-lo. Hoje, muitos(as) benzedores(as), curandeiros(as), rezadores(as) dão continuidade à sua missão, colocando-se como seus(suas) “enviados(as)”.

A partir das histórias ou dos fatos contados pelos descendentes do Contestado (Tomazi, 2005), é possível verificar que João Maria anunciava tempos de fome, guerra e peste; dias de escuridão, o dia do combate definitivo entre o Anticristo e São Sebastião; o tempo do comunismo e da volta da monarquia, dos gafanhotos de aço, das distâncias que iriam se encurtar, entre outros. Porém, mais do que anunciar guerras e calamidades ou prever coisas futuras, percebe-se que as principais marcas deixadas por ele, junto à cultura popular do Contestado, relacionam-se à sua sabedoria e sensibilidade humana, que o faziam capaz de tocar fundo o coração humano. As palavras que ele dizia não eram esquecidas facilmente ou não foram esquecidas jamais. Seu trabalho gratuito e solidário fazia com que muitos conflitos, dores e problemas humanos fossem solucionados ou ao menos amenizados. Sua sabedoria não consistia em proferir muitas palavras e nem em apresentar os conhecimentos mais avançados da ciência da época; baseava-se, sim, numa espécie de “intuição-cheia-de-fé” (cf. Espin, 2000, *passim*) capaz de dar um sentido à vida e uma interpretação convincente em relação a certos mistérios ou a certas indagações que incomodavam os que o procuravam.

Confirma-se hoje, tanto a partir da revisão bibliográfica quanto na cultura popular, que João Maria captou os anseios dos deserdados e transformou-se em porta-voz e intérprete das angústias dos caboclos e caboclas do Contestado (Gallo, 1999).

Aos poucos, ele foi sendo recebido e divulgado como um homem de Deus. Ele foi sendo associado ao próprio Cristo e aos santos e, com isso, ainda hoje, continua a exercer grande influência entre os descendentes do Contestado. Suas constantes peregrinações de um lugar para outro, a renúncia aos bens materiais e certo rigorismo moral fazem dele símbolo de um poder que se coloca acima dos homens comuns e símbolo da identidade social positiva dos pobres, dando-lhes uma nova identidade, onde os excluídos se tornam os eleitos.

Não se encontra na cultura popular, na atualidade, quem manifestasse uma rejeição explícita à mensagem ou à pessoa de João Maria, como outrora fizeram aqueles que não se sentiram promovidos ou legitimados pelos monges. Chegou-se inclusive a afirmar que João Maria era um lunático, uma pessoa rude e ignorante, e que, no Contestado, ao atribuírem os comandos da guerra a João Maria ou ao utilizarem símbolos religiosos no movimento, o que procuravam fazer era, na verdade, “encobrir” ou “mascarar” o banditismo ou a selvageria que praticavam (Machado, 2004). Na atualidade, em vez do desprezo à mensagem de João Maria e do Contestado, diversas iniciativas foram sendo fomentadas: por um lado, grupos econômicos a promovem com fins turísticos e lucrativos; por outro, muitas iniciativas populares, organizações

e movimentos a resgatam no intuito de contribuir no processo de superação da violência e da exclusão em que se encontra a grande maioria dos descendentes do Contestado.

Enfim, é possível constatar que há um rico universo simbólico em torno do qual vive o homem do Contestado. E esse universo inclui, além de uma linguagem de imaginação poética, uma variedade de ritos, mitos, artes e religião que tecem o emaranhado de sua experiência humana. Há uma verdadeira rede de símbolos e significados que, além de situar o homem do Contestado na história, oferece-lhe um sentido para a existência. Entre os muitos símbolos do Contestado destacam-se e são considerados de maior importância: as águas, as cruzeiras, os batismos, as orações e os benzimentos e as romarias.

### **Conclusão**

O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.

Simone Weil

Assim como qualquer outro ser humano, também este, do Contestado, vive, não em um mundo de fatos nus e crus, mas antes em meio a emoções reais e imaginárias, esperanças e temores, ilusões e desilusões, fantasias, dores e alegrias (Cassirer, 2001). A grande maioria dos descendentes do Contestado vive, também, numa situação de miséria, violência, desemprego e analfabetismo. Porém, mesmo vivendo nesa situação e sendo herdeiros de uma luta inglória, há algo que os move, que faz com que continuem confiando na vida, que oferece um sentido à sua história e não os deixa desesperar. E isso pode ser chamado de mística ou de espiritualidade (Betto e Boff, 1999). Essa mística se expressa não somente nas vivências ou experiências de caráter religioso no sentido estrito, mas também na arte, na poesia, na música, nos “contos” e “causos”, nas lutas e movimentos populares, enfim, numa gama enorme de manifestações e experiências que demonstram a criatividade e a sabedoria dos filhos e filhas do Contestado.

Essa mística do Contestado, que em muito tem como referência o “São” João Maria, é aqui compreendida como uma “forma” encontrada pela população cabocla, possivelmente a que julgaram a mais significativa, de se afirmar em sua identidade cultural e de procurar sobreviver nesse mundo complexo e excludente. Por meio dessa mística há todo um empenho dos “sem poder”, dos “sem-terra” e dos “sem-direitos” em explicar, justificar e, de algum modo, controlar uma realidade social violenta, que parece perigosa demais para ser enfrentada por outros meios além do simbólico. Por ter valorizado, oferecido um significado e indicado um caminho às pessoas e comunidades por onde passava, João Maria tornou-se um mito, um modelo de vida, um modelo de conduta, alguém que ofereceu uma nova visão de mundo e, com isso, abriu “as picadas” para um novo modo de vida.

Essa pesquisa assumiu uma grande responsabilidade. Por um lado, a defesa dos descendentes do Contestado como possuidores de uma “identidade cultural” e de uma significativa experiência religiosa que, sem desconsiderar as suas ambiguidades e contradições, precisam ser reconhecidas e valorizadas e, por outro, que eles são credores de uma dívida social que precisa ser resgatada.

Mesmo que não seja possível afirmar que hoje a religiosidade do Contestado tem um caráter fundamentalmente libertador, ao menos não é mais possível negar o fato de que nela existe um saber coletivo e um dinamismo que tende para a mudança, que não é meramente receptivo e cristalizado, mas sim que está em contínuo processo de ressignificação, renovação e atualização. Logo, nem o Contestado nem a sua mística podem ainda ser considerados coisas do passado ou como algo desprovido de sentido.

Depois de observar atentamente a experiência vivida pela comunidade cabocla do Contestado, é oportuno dizer, como Jean F. Lyotard (1998), que vale a pena preocupar-se com os pequenos relatos, a “pequena história”, os diferentes contextos locais e suas particularidades e circunstâncias próprias. E, ao analisar a experiência religiosa dos descendentes do Contestado hoje, pode-se reafirmar a concepção de Michel de Certeau sobre a “experiência vivida” e o cotidiano. Ele diz que existe uma “incrível abundância inventiva das práticas cotidianas” (1998, p. 342). E ainda sugere a importância de se prestar atenção

[...] a certas notas mais novas e observar a fusão de microexperiências, ocultas no anonimato de redes amigáveis e locais onde se tenta de muitas maneiras inventar modestamente outros comportamentos, definir um modo de vida [...]. (Ibid., p. 286)

### **Referências**

AURAS, M. (1995) Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis, Editora da UFSC.

BETTO, F. e BOFF, L. (1999) Mística e espiritualidade. Rio de Janeiro, Rocco.

CASSIRER, E. (2001) Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo, Martins Fontes.

CERTEAU, M. de (1998) A invenção do cotidiano: morar e cozinhar. Petrópolis, Vozes.

ESPIN, O. (2000). A fé do povo: reflexões teológicas sobre o catolicismo popular. São Paulo, Paulinas.

GALLO, I. (1999). O Contestado: o sonho do milênio igualitário. Campinas, Editora da Unicamp.

GEERTZ, C. (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC.

HALBWACHS, M. (1990). A Memória Coletiva. São Paulo, Vértice.

LYOTARD, J. F. (1998). A condição pós-moderna. Rio de Janeiro, José Olympio.

MACHADO, P. P. (2004). Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas, Unicamp.

MINTZ, S. e PRICE, R. (2003). O nascimento da cultura afro-americana. Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro, Pallas/Universidade Cândido Mendes.

MONTEIRO, D. T. (1974). Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo, Duas cidades.

QUEIROZ, J. J. (org.) (1985). A educação popular nas comunidades eclesiais de base. São Paulo, Paulinas.

RIBEIRO, H. (1989). Religiosidade popular no Contestado. *Encontros Teológicos*, v. 1, n. 1, pp. 10-15.

TOMAZI, G. (2005). A mística do Contestado: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes. São Paulo, PUC.

THOMPSON, J. B. (1990). Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Vozes.

THOMPSON, E. P. (1998). Costumes em comum. São Paulo, Companhia das Letras.

VALLE, E. (2001). “Medo e esperança: uma leitura psicossociológica do milenarismo brasileiro”. In: Milenarismos e messianismos ontem e hoje. São Paulo, Loyola.

WEBER, M. (1994). Dominação carismática. Brasília, UnB.